



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS
CAMPUS JORGE AMADO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

ISABELLA DOS SANTOS SILVA

**CURSINHO PREPARATÓRIO PARA O ENSINO SUPERIOR:
GARANTIAS DAS PRÁTICAS NO ENSINO BÁSICO DE
CONDIÇÕES DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES PARA
PESSOAS LGBTI E DEMAIS MINORIAS SOCIAIS**

**ITABUNA
2019**

ISABELLA DOS SANTOS SILVA

**CURSINHO PREPARATÓRIO PARA O ENSINO SUPERIOR:
GARANTIAS DE PRÁTICAS NO ENSINO BÁSICO DE CONDIÇÕES DE
ACESSO ÀS UNIVERSIDADES PARA PESSOAS LGBTI E DEMAIS
MINORIAS SOCIAIS**

Dissertação em forma de Relato de Experiência e Produto Educacional, apresentado como requisito obrigatório para obtenção do Título de Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, sob Orientação do Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães.

Área de Concentração: **Ensino e relações étnico- raciais nas perspectivas pós e decoloniais**

**ITABUNA
2019**

**Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

S586c Silva, Isabella dos Santos, 1987-

Cursinho preparatório para o ensino superior : garantia de práticas no ensino básico de condições de acesso às universidades para pessoas LGBTI e demais minorias sociais / Isabella dos Santos Silva. – Itabuna: UFSB, 2019. - 61f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Jorge Amado, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais, 2019.

Orientador: Rafael Siqueira de Guimarães.

1. Universidades e faculdades - Vestibular. 2. Identidade de gênero na educação. 3. Preconceitos. I. Título.

CDD – 371.04

Elaborada por Raquel da Silva Santos – CRB-5ª Região/ 1922

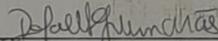
ISABELLA DOS SANTOS SILVA

CURSINHO PREPARATÓRIO PARA O ENSINO SUPERIOR: GARANTIA DE PRÁTICAS NO ENSINO BÁSICO DE CONDIÇÕES DE ACESSO ÀS UNIVERSIDADES PARA PESSOAS LGBTI E DEMAIS MINORIAS SOCIAIS

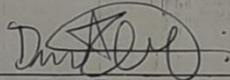
Produto final apresentado a Universidade Federal do Sul da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de **Mestra em Ensino e Relações Étnico-Raciais**.

Itabuna, 04 de junho de 2019.

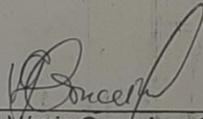
BANCA EXAMINADORA



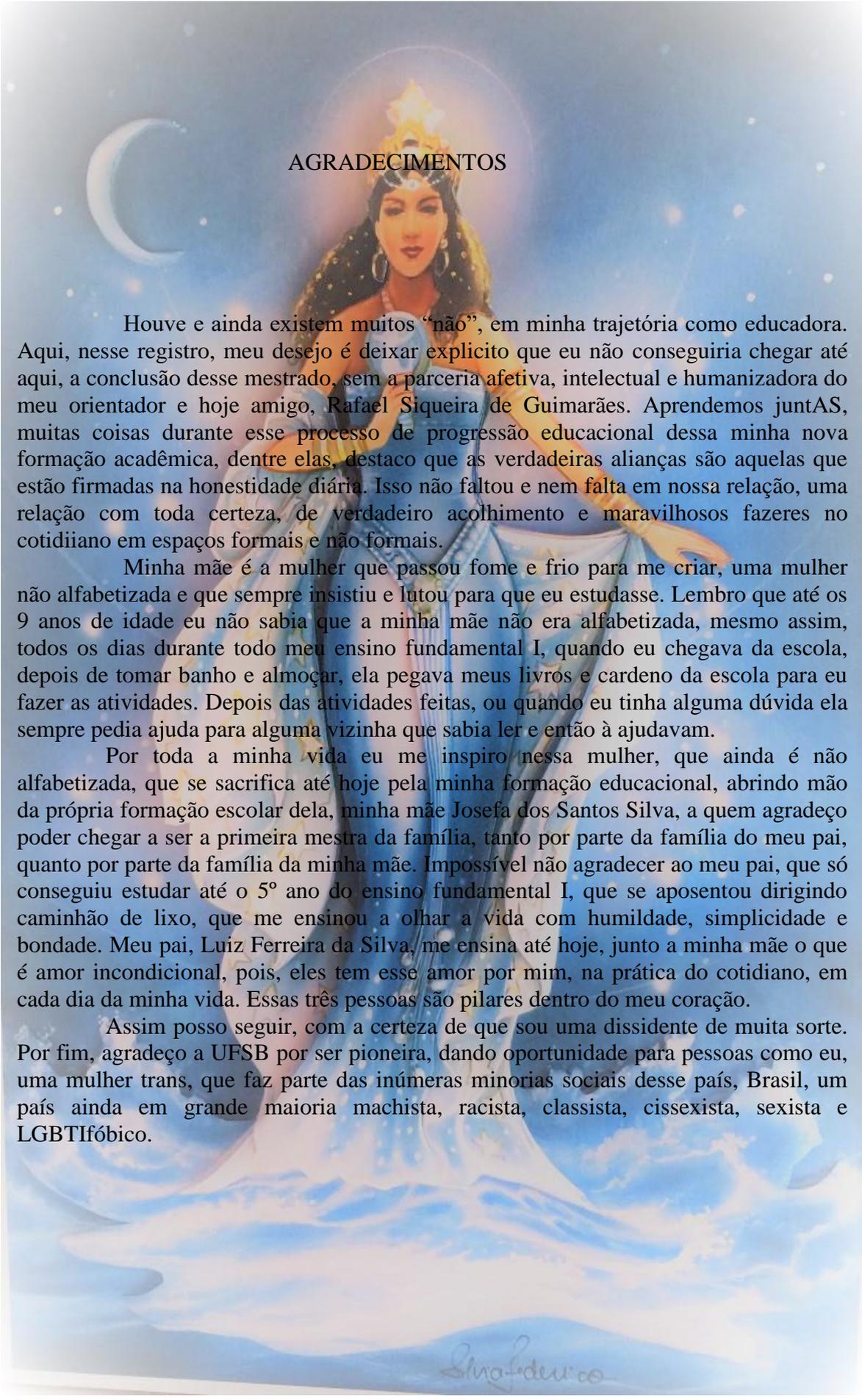
Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães
PPGER/UFSEB



Profa. Dra. Dodi Tavares Borges Leal
PPGER/UFSEB



Prof. Ms. Vércia Gonçalves Conceição
UFBA



AGRADECIMENTOS

Houve e ainda existem muitos “não”, em minha trajetória como educadora. Aqui, nesse registro, meu desejo é deixar explícito que eu não conseguiria chegar até aqui, a conclusão desse mestrado, sem a parceria afetiva, intelectual e humanizadora do meu orientador e hoje amigo, Rafael Siqueira de Guimarães. Aprendemos juntas, muitas coisas durante esse processo de progressão educacional dessa minha nova formação acadêmica, dentre elas, destaco que as verdadeiras alianças são aquelas que estão firmadas na honestidade diária. Isso não faltou e nem falta em nossa relação, uma relação com toda certeza, de verdadeiro acolhimento e maravilhosos fazeres no cotidiano em espaços formais e não formais.

Minha mãe é a mulher que passou fome e frio para me criar, uma mulher não alfabetizada e que sempre insistiu e lutou para que eu estudasse. Lembro que até os 9 anos de idade eu não sabia que a minha mãe não era alfabetizada, mesmo assim, todos os dias durante todo meu ensino fundamental I, quando eu chegava da escola, depois de tomar banho e almoçar, ela pegava meus livros e cardeno da escola para eu fazer as atividades. Depois das atividades feitas, ou quando eu tinha alguma dúvida ela sempre pedia ajuda para alguma vizinha que sabia ler e então à ajudavam.

Por toda a minha vida eu me inspiro nessa mulher, que ainda é não alfabetizada, que se sacrifica até hoje pela minha formação educacional, abrindo mão da própria formação escolar dela, minha mãe Josefa dos Santos Silva, a quem agradeço poder chegar a ser a primeira mestra da família, tanto por parte da família do meu pai, quanto por parte da família da minha mãe. Impossível não agradecer ao meu pai, que só consegui estudar até o 5º ano do ensino fundamental I, que se aposentou dirigindo caminhão de lixo, que me ensinou a olhar a vida com humildade, simplicidade e bondade. Meu pai, Luiz Ferreira da Silva, me ensina até hoje, junto a minha mãe o que é amor incondicional, pois, eles tem esse amor por mim, na prática do cotidiano, em cada dia da minha vida. Essas três pessoas são pilares dentro do meu coração.

Assim posso seguir, com a certeza de que sou uma dissidente de muita sorte. Por fim, agradeço a UFSB por ser pioneira, dando oportunidade para pessoas como eu, uma mulher trans, que faz parte das inúmeras minorias sociais desse país, Brasil, um país ainda em grande maioria machista, racista, classista, cissexista, sexista e LGBTIfóbico.

Direito mútuo é respeito mútuo, garante a dignidade da diversidade de existências. A subjetividade da aceitação em uma sociedade patriarcal, que impõe explicitamente e implicitamente a cisheteronormatividade, corrói, exclui e mata corpos dissidentes. A aceitação quando é conveniente é farsa, o direito não pode nem deve ser violado ou sabotado.

Isabella dos Santos Silva e Rafael Siqueira de Guimarães





RESUMO

Cursinho Preparatório para o ensino superior: garantia de práticas no ensino básico de condições de acesso às Universidades para pessoas LGBTI e demais minorias sociais.

As práticas no cursinho preparatório para o ensino superior tem por objetivo, mostrar o processo de pensamentos, elaborações e materializações de práticas educacionais através de um mecanismo que possibilite melhores condições preparatórias para estudantes LGBTI e outras minorias sociais para acesso ao ensino superior. O trabalho desenvolvido teve uma forte participação de educadores colaboradores, bem como, a institucionalização do projeto de pesquisa-ação pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), como uma das ações afirmativas voltadas para as questões de gênero no âmbito acadêmico. O cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB, totalmente gratuito, proporcionou a construção de um processo de ensino-aprendizagem que acolheu tanto a comunidade LGBTQI+ - inserindo principalmente pessoas trans- - quanto as pessoas aliadas na luta por um ensino que passe a dar as mesmas condições preparatórias de pessoas privilegiadas por um ensino básico privado, impulsionando ocupações dessas pessoas estudantes no ensino superior. A história de vida da coordenadora, como educadora e mulher trans, também é parte significativa desse processo, pois as exclusões em espaços formais e não formais, bem como as diversas violências que também sofreu potencializa junto às demais pessoas que também são excluídas a força política e resistência de corpos historicamente abandonados e massacrados por um sistema educacional que ainda é marcado pela colonialidade

¹ Mestranda do PPGER – Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais/UFSB

² Orientador. Professor do PPGER – Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico Raciais/UFSB e do PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação/UFBA

cisnormativa e suas relações com o racismo, patriarcado e elitização econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Gênero; Sexualidades; Políticas Públicas; Interseccionalidade; Relações Étnico-raciais.

ABSTRACT

Preparatory course for higher education: guarantee of practices in basic education of conditions of access to universities for LGBTI people and other social minorities.

The practices in the preparatory course for higher education aim to show the process of thinking, elaboration and materialization of educational practices through a mechanism that allows better preparatory conditions for LGBTI students and other social minorities to access higher education. The work developed had a strong participation of collaborating educators, as well as the institutionalization of the action research project by the Federal University of Southern Bahia (UFSB), as one of the affirmative actions focused on gender issues in the academic field. The Pre-Enem Trans + course at the UFSB, totally free, provided the construction of a teaching-learning process that welcomed both the LGBTQI + community - inserting mainly trans people, as well as allied people in the struggle for a teaching that happens to give the same preparatory conditions for people privileged by private basic education, boosting occupations of these students in higher education. The life history of the coordinator, as an educator and trans woman, is also a significant part of this process, since the exclusions in formal and non-formal spaces, as well as the various violence she has suffered, and resistance of historically abandoned and massacred bodies by an educational system that is still marked by cisnormative coloniality and its relations with racism, patriarchy, and economic elitism.

KEY-WORDS: Teaching; Gender; Sexualities; Public policy; Intersectionality; Ethnic-racial relations.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

LGBTQIA+ - Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti, Queer, Intersexo, Assexual e outras possibilidades de expressão de gênero e orientação sexual.

PPGER – Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais

PROSIS - Pró-Reitoria de Sustentabilidade e Integração Social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CURSINHÓ PRÉ-ENEM TRANS+ NA UFSB.....	21
OS CORPOS DISSIDENTES E AS OCUPAÇÕES INSTITUCIONAIS.....	23
OS ENTRAVES DO ENEM NESSE PROCESSO.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICES.....	30

1. INTRODUÇÃO

Após a entrada da primeira autora no Mestrado no Programa de Pós- Graduação em Ensino, Relações Étnico-raciais (PPGER) na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), foram ampliadas as participações em rodas de conversas e articulações com movimentos e pessoas dentro e fora da UFSB, com ações de lutas interseccionais contra a dominação da cisheteronormatividade, do cissexismo e das discriminações e violências institucionalizadas. Segundo Roger Raupp Rios e Rodrigo da Silva (2015), a discriminação interseccional pode ser entendida e investigada como dinâmicas discriminatórias com fenômenos distintos, que vão além da soma de determinados fatores de discriminação. Desse modo, a discriminação é um fenômeno múltiplo e complexo, pois existem diferentes contextos para diferentes injustiças.

Os diferentes contextos, redes relacionais, fatores e motivações que desencadeiam a discriminação, não são redutíveis a um ou outro critério isolado. No Brasil, a interseccionalidade constou como denúncia perante o Comitê para a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher da ONU. Desse modo, é possível entender que o cissexismo é a forma de potencializar a separação e discriminação de corpos trans, pois como explicam Jaqueline Gomes de Jesus e Hailey Alves (2010), as mulheres transexuais e travestis não recebem o mesmo tratamento que as mulheres cisgênero (de base legal biologizante) que lhes nega o estatuto da feminilidade ou da mulheridade, desencadeando o cissexismo, uma crença de divisão binária dos gêneros, em suposta concordância com os sexos biológicos feminino e masculino.

Outros marcadores de exclusões sobre os corpos trans impõem ordens cisheteronormativas que só esquadriham ainda mais a população trans. Desse modo, segundo Mattos e Cidade (2016):

A psicologia vem se consolidando, desde o século XX, como área de formação de especialistas para explicarem, diagnosticarem e cuidarem de sujeitos entendidos como „desviantes“ na sociedade moderna. No que diz

respeito às questões de gênero e sexualidade, consagrou-se como um campo especialmente prolífico na produção de conceitos, categorias e teorias que promoveram uma naturalização do elo entre determinado genital, sexo, gênero e orientação sexual. Tal naturalização, fundada sobre preceitos evolucionistas (que ressaltam os fins reprodutivos da dimensão sexual humana), foi nomeada por autoras transfeministas como cisheteronormatividade, identificável em diferentes campos do conhecimento”. (MATTOS; CIDADE, 2016, p. 135)

Nesse processo, como a coordenadora já palestrava sobre questões de gênero, sexualidades e políticas públicas em diversas instituições, a própria UFSB abriu mais espaço para atuações com pautas específicas relacionadas às questões supracitadas. É importante conceituar que a sociedade cisheteronormativa impôs sobre os corpos trans a loucura, pessoas desviadas, frente a esse esquadramento para com a identidade de gênero. Amara Moira Rodovalho (2017) explica:

a sociedade há cinquenta anos nos fazia pessoas doentes e talvez já seja hora de ela reconhecer sua parcela de culpa em nossa loucura, sua responsabilidade de não conseguir nos fazer segundo aquilo nos criou para ser. Nosso direireiro de, como viriam a denominar, “cruzar” a tal linha que divide os gêneros só começa a ganhar corpo à medida que conseguimos dar legitimidade ao testemunho que explicava esse desejo: se era necessária a explicação, então o foco na auto- identificação daria todos os porquês e, com sensibilização que isso propiciava, iríamos conquistando o direito de começar a existir no outro gênero não mais apenas para si como também para uma comunidade mais ampla (RODOVALHO, 2017, p. 2)

Neste ponto, é importante esclarecer que no campo das sexualidades existem infinitas possibilidades para a libido que não depende da identidade de gênero.

Nesse percurso, diante de tantos enfrentamentos que geram exclusões para os corpos trans, as políticas públicas surgem como instrumento de reconhecimento de dívidas sociais e históricas do Brasil sobre estes corpos, tendo como mecanismos de reparações a atuação do Estado e da sociedade civil em abrir espaço para ocupação em todos os lugares que compõem a nossa sociedade brasileira, com o direito à dignidade para todos os corpos, sem questioná-los ou mesmo fazer algum tipo de interpretação subjetiva para legitimar a possibilidade ou não dessas ocupações, em espaços formais e não formais, na educação, no trabalho formal, em concursos públicos e demais

segmentos.

Das discriminações e violências institucionalizadas são incontáveis os mecanismos para práticas orquestradas por pessoas e lugares de privilégio. Essas pessoas que ao ocupar lugar de poder institucional, praticam e desenvolvem meios de violências psicológicas, morais e emocionais genocidas sobre as vidas de pessoas que não ocupam esse privilégio do poder. Deste modo, pessoas que utilizam o seu poder institucional para mostrar que estão acima daquelas pessoas que não ocupam esse mesmo espaço e não gozam desse privilégio, protagonizam o *status quo* dentro das instituições públicas ou privadas.

Segundo Priscilla Soares dos Santos Ladeia, Tatiana Tscherbakowski Mourão e Elza Machado de Melo (2016):

Atualmente, a violência, em suas múltiplas faces, constitui um problema mundial, pelas suas graves consequências em agravos a saúde e impacto socioeconômico”. “A despeito da sua gravidade e potenciais consequências, a violência institucional persiste naturalizada e silenciada, por profissionais e usuários”. “A violência institucional é definida como a violência praticada por órgãos e agentes públicos que deveriam responder pelo cuidado, proteção e defesa dos cidadãos (LADEIA; MOURÃO; MELO, 2016, p. 398).

Desse modo, é que através de um movimento coletivo dentro da Universidade, reivindicações de direitos para as pessoas LGBTI ganharam cada vez mais potência. Nessa luta é importante destacar o movimento estudantil dentro da UFSB e o ativismo de algumas pessoas docentes, dentre elas o orientador deste trabalho, para que a universidade atendesse as demandas mais que necessárias e urgentes, dentro da UFSB.

Este projeto de mestrado ecoou dentro da UFSB, e nesse processo de busca da garantia dos direitos e dignidade para as pessoas LGBTI e demais minorias sociais foi que a própria universidade se sensibilizou com a proposta do projeto, somando-se às reivindicações para a população supracitada, dentro da universidade. Inúmeras ações começaram a acontecer, dentre elas a abertura de um Edital para a criação de um cursinho Pré-Enem voltado para a população LGBTI e demais minorias políticas, fazendo valer esta pesquisa-ação de modo institucionalizado. Cabe lembrar que o trabalho pioneiro de Indianare Siqueira, no Rio de Janeiro, o PreparaNEM, é inspiração para esta intervenção, bem como as experiências que o sucederam, como o Prepara Trans (Goiás), PreparaNEM

(Niterói) e Transviando o ENEM (Salvador). A experiência do Prepara Trans (CAMPOS; PEREIRA, 2018) é bastante inspiradora, no sentido da relação com a educação popular engajada:

é necessário, aqui, destacar que a negociação com a lógica capitalista de educação é não muito mais que uma tentativa de sobrevivência para o grupo de transexuais e travestis. E, portanto, que a aprovação nos exames deve ser comemorada e vista positivamente, mas, o que se espera com esse tipo de ação é, também, a possibilidade de que travestis e transexuais se organizem na busca de romper com as desigualdades sociais, a exploração e a opressão (CAMPOS; PEREIRA, 2018, p. 192)

Inicialmente, no processo para a materialização do cursinho Pré-Enem, a coordenação enfocou que o cursinho tivesse maior atenção para a população de pessoas trans. Isso foi posto diante da realidade de evasão escolar, violência intrafamiliar, forte exclusão no mercado de trabalho formal e as estatísticas de mortes dessas pessoas, onde o Brasil figura como o país que mais mata pessoas trans no mundo, compondo 47% das mortes notificadas, com expectativa de vida que é alarmante, pois a idade média dos assassinatos em 2018 é de 26,4 anos de idade, segundo a dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, organizado por Bruna Benevides e Sayonara Nogueira (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019). Sobre os casos de suicídio, a Associação indica que:

no ano de 2016 foram reportados 12 casos de suicídio entre a população trans, e 07 casos de mortes advindas da aplicação de silicone industrial. Já em 2017, foram registrados 07 casos de suicídio e 06 mortes ocasionadas pelo uso de silicone industrial e em 2018 temos 08 casos de suicídio e 05 de silicone industrial (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019, p. 36).

De comum acordo com a gestão da universidade, foi sugerido o seguinte nome para o cursinho: “Pré-Enem Trans+”, colocando em destaque a inclusão da população trans e acolhendo todas as demais pessoas LGBTQI+ e aliadas (minorias sociais).

A metodologia adotada foi uma metodologia popular, inspirada na perspectiva libertadora de Paulo Freire, desde um viés popular, que abarca a realidade das pessoas estudantes nos seus processos de planejamento e organização (FREIRE, 2015). O planejamento foi organizado com flexibilidades relacionadas ao ensino para as pessoas estudantes, bem como para as pessoas docentes convidadas. Primeiro procuramos atender

os seguintes critérios:

- Ingresso e permanência gratuita de pessoas trans, gays, lésbicas, bissexuais, intersexo, pangêneros, queer e pessoas aliadas.
- Colaboração de educadoras/es voluntárias/os, sensíveis à proposta frente ao contexto social dessas pessoas. A importância do coletivo de educadoras/es abertas às discussões sobre as exclusões específicas que impedem o ingresso do público supracitado em instituições de nível superior.
- A proposta político-pedagógica foi fundamentada nas leis educacionais vigentes e, em especial, no Decreto N° 8.727/2016, RESOLUÇÃO CEE N° 120/2013, Lei 10.639/2003 e Lei 11. 645/2008.

Desta forma, as aulas tiveram o comprometimento com aplicação pedagógica dessas leis, além das pessoas docentes voluntárias organizarem suas aulas em interações desde uma perspectiva libertadora (FREIRE, 2015), evidenciando a prática do diálogo, como propõe bell hooks:

a prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, 2017, p. 179).

Aos poucos a sala de aula passou a se tornar um espaço político e de socialização, rompendo com o conservadorismo e a obrigatoriedade nas aulas e no convívio coletivo. Desse modo, o interesse pelas aulas só aumentava, tanto por parte das pessoas estudantes, quanto das pessoas docentes voluntárias. Com a ajuda coletiva, o espaço ganhou um corpo que superou as expectativas, pois as pessoas demandavam mais momentos de aulas. No entanto, institucionalmente o espaço destinado ao curso foi de três noites apenas por semana.

A cada aula, os laços entre as pessoas ficavam mais estreitados, havia a

felicidade do encontro e absorção de inúmeros conteúdos programáticos, mas também ,muitas tensões com algumas divergências de pensamentos. Mesmo assim, a metodologia baseada no diálogo, na qual o ser político se posiciona e tem voz, ecoou, isso foi o grande diferencial metodológico durante as aulas, a segurança das pessoas estudantes e docentes se sentirem livres para opinar e ao mesmo tempo transformar práticas e pensamentos. Mesmo diante de um modo de vivência educacional libertador, o cursinho buscou atender as exigências de conteúdos do ENEM, assim foram atendidos os seguintes eixos norteadores e componentes curriculares:

- Identidade de gênero e sexualidades.
- Políticas Públicas e Direitos Humanos.
- Diversidade cultural.
- Atualidades.
- Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia).
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Química, Física e Biologia).
- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Redação e Matemática. (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Inglês e Espanhol).
- Artes e formação human

A marca desse processo metodológico foi a abertura desse ambiente de ensino formal, como as áreas de conhecimentos exigidas pelo processo seletivo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), para que cada realidade ganhasse seu espaço e voz, estudantes atuando como corpos políticos com liberdade de ser e existir. Neste sentido, como aponta Louro (2008):

esse tipo de luta requer “armas” peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas. Talvez por isso a alguns escape a força dos embates culturais. Mas os movimentos sociais organizados (dentre eles o movimento feminista e

os da s"minorias" sexuais) compreenderam, desde logo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, eram fundamentais. A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável. Construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais (LOURO, 2008, p. 20)

Depreendemos disso que a luta é longa, histórica e que ocupar os espaços institucionais se torna um marco importante, em especial frente a silenciamentos de muitos modos. Coadunando-se com as histórias dos feminismos e dos movimentos LGBT, bem como de pessoas negras, indígenas e outras minorias sociais, a mudança cultural se faz na prática e, em nosso caso, foi por meio de uma invenção curricular desde a ocupação deste espaço, ainda que precariamente, institucional.

2. CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+ NA UFSB

A importância do cursinho preparatório para o Ensino superior surge do próprio status quo, estabelecido no ensino brasileiro. A divisão de classe e a impossibilidade social, econômica e de gênero que foram criadas por uma sociedade classista, cisheronormativa e racista, deslocam corpos há séculos, para a garantia do privilégio que uma mínima parcela da sociedade que se enquadram nas regras do patriarcado. Segundo Nadir Zago (2008):

as políticas de expansão mediante a privatização do ensino superior brasileiro não favoreceram o acesso dos egressos do ensino médio que dependem essencialmente do ensino público". Isso se deve ao processo de precarização no ensino básico, que através da privatização do Ensino superior, o Estado limita a continuidade da escolarização das pessoas no Brasil, frente a quantidade de vagas em Universidades Públicas que não atendem toda a população brasileira, uma educação que segundo a própria constituição brasileira de 1988 é um direito de todas e todos (ZAGO; 2008, p. 149)

A autora ainda complementa:

A expansão do setor privado não parou. A universidade pública expandiu-se mas, sobretudo a partir dos anos 70 do século XX até os dias atuais, as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas. Dados como esses confirmam a expansão que, conservadora em sua essência, manteve o caráter elitista do ensino superior (ZAGO, 2008, p. 150)

Esse caráter de elitização comprova o quanto de dívida histórica o Brasil tem com as minorias sociais que são deslocadas do acesso ao ensino superior. Deste modo, é desenvolvendo mecanismos que não legitimem esse processo que a mobilidade social acontece, garantindo transformações que desestruturam o status quo na educação, fazendo valer o direito constitucional para todas e todos, a garantia de um ensino público sem limitações de progressão, mas com acessibilidade e qualidade.

A criação dos cursinhos populares é um dos mecanismos de oportunizar minorias sociais a terem uma preparação de qualidade para ingresso no ensino superior, priorizando esse acesso para o ingresso em instituições de ensino superior públicas:

As primeiras experiências dos núcleos de pré-vestibulares populares surgem no Brasil na segunda metade dos anos 80, consolidam-se na década de 90 do século XX e têm como principal objetivo a democratização do ensino. Esses cursos surgem em um contexto contraditório do sistema educacional que, se por um lado ampliou consideravelmente o número de vagas de outro mantém profundas desigualdades no acesso ao ensino superior (ZAGO, 2008, p. 151).

Essa dicotomia é resultado de um processo histórico que envolve questões de divisão de classes sociais, questões raciais e também questões de gênero, que nesse circuito o patriarcado marca seus pilares de sistemas de privilégios, exclusões e desigualdades. Nesse processo de superação de uma educação repartida, vários hiatos são postos entre as relações de acessibilidade e direito dessas pessoas. As diferenças que separam classes e desencadeiam vários segmentos de minorias sociais na educação, analisada e com levantamento de dados do final do século XX, comprovam que estamos em um processo ainda recente de reconhecimento de reparação dessas desigualdades a educação.

Desse modo, os mecanismos para que a acessibilidade ao ensino superior não reproduza a dicotomia estabelecida através do privilégio para alguns, sustentado pela privatização do ensino superior, é que os cursinhos populares surgem como uma forma de luta pelo acesso que ainda é insuficiente, afinal existem inúmeras pessoas que mesmo com acesso aos cursinhos populares, não conseguem avançar no processo de escolarização.

A dificuldade do avanço não está somente para o número de vagas insuficientes em Universidades Públicas, mas soma com inúmeros contextos dessas minorias sociais que, além da buscar melhor preparação de ensino para as provas de vestibulares e ENEM, existem tensões intrafamiliares, sociais e uma sobrecarga de trabalho para manutenção do seu próprio sustento.

O cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB se apresenta e é desenvolvido como um mecanismo educacional de olhar diferenciado ao ser um cursinho que possui grande atenção ao público trans, o que não diminui a dedicação para as demais minorias sociais, tais como gays, lésbicas, bissexuais, intersexuais, negras/os, pessoas de renda insuficiente para uma vida de qualidade e também aquelas pessoas aliadas, que somam com a proposta de quebrar a estabilidade do status quo nas questões educacionais que envolve, questões de desigualdades sociais, questões de gênero, sexualidades, questões raciais e outras forças de deslocamentos.

O público trans, como já foi citado anteriormente, compõe estatísticas alarmantes. Além disso, as demais minorias sociais, como as pessoas negras, estão dentro de uma estatística na qual o Brasil é o Segundo país que mais mata pessoas negras no mundo, perdendo apenas para a Nigéria. Quanto a comunidade LGBTI em geral, segundo Benevides e Nogueira (2019), os índices de violências contra esse grupo de pessoas é um dos maiores do mundo. Esses dados de violências contribuem para reflexões, tais como quanto o ensino e a luta por melhor qualidade de vida estão intrinsecamente ligados.

A própria trajetória da coordenadora na UFSB comprova o que foi argumentado logo acima: primeira mulher e pessoa trans a ingressar na Universidade Federal do Sul da Bahia, através de cotas para pessoas trans e em um programa de pós-graduação, o mestrado do PPGER.

Em uma reunião para organizar o formato do cursinho, tanto cronograma de atividades quanto o próprio título, insistimos que o cursinho tivesse na frente a referência “TRANS”, pois já existiam muitos outros cursinhos que antecederam a este

esse, a maioria direcionados para a comunidade LGBTI . Foi proposto o seguinte título para o cursinho “CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+”, o trans depois no “cursinho pré-Enem e o “+” inclui todas as outras minorias sociais e pessoas aliadas.

Houve diversos ataques da comunidade universitária ao cursinho, assim que ele começou: que ele havia sido feito para a coordenadora, para este Mestrado, denotando que houvesse algum privilégio, quando, na verdade, houve Edital Público. Tantas coisas horríveis que escutei de terceiros e coisas escritas na internet me faziam chorar, alguns do mundo cisheteronormativo e pessoas cis da própria comunidade LGBI e do movimento negro não fizeram questão de esconder a transfobia que incidia sobre mim. Mas, segui. Continuei me organizando para dar o melhor de mim para o cursinho. Isso só comprova como a luta por direitos que estão sendo violados no Brasil, devem ser combatidos com ações como essa, criando oportunidades de ocupações em todos os setores da sociedade para os corpos dissidentes.

As aulas do cursinho foram iniciadas no mês de junho de 2018, com término das aulas para o ENEM no mês de novembro de 2018. A inauguração (a primeira aula) teve participação de pessoas da graduação da UFSB juntas as pessoas estudantes do cursinho, marcado como uma comemoração com música, poesia, diálogos, apresentação da proposta do cursinho, e um impactante vídeo de uma das estudantes trans em que ela fez em homenagem a sua irmã que também era trans e tinha sido assassinada em Itabuna-BA, denunciando que os responsáveis pelo assassinato de Sheila nunca foram descobertos. Houve uma forte comoção nesse momento, pois, não estava planejado, a estudante pediu voluntariamente para passar um vídeo, evidenciando a necessidade da nomenclatura TRANS em primeiro plano.

3. OS CORPOS DISSIDENTES E AS OCUPAÇÕES INSTITUCIONAIS

O cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB foi composto em sua maioria por pessoas cisgêneras, do total de 16 pessoas que frequentaram o mesmo, apenas duas eram pessoas trans. Isso aponta quão difícil é a inserção destas pessoas para a progressão educacional, mesmo com a criação do cursinho popular gratuito. Quando foi feita a divulgação do cursinho, muitas pessoas trans apresentaram uma desmotivação diante do histórico repressor e traumas do ensino médio, e muitas dessas pessoas disseram que preferiam

continuar no mercado informal, pois, ali não sofreriam repressões e críticas. Como já referenciado por Luma Andrade (2015), sobre o olhar para as travestilidades na escola:

Ao mesmo tempo em que a travesti é vista, ou melhor, sentida, pela sua geografia corporal, pela sua cartografia da feminilidade, pela sua engenharia estética e pela sua autocriação poética, é identificada também pela negação de toda essa obra de arte (ANDRADE, 2015, p. 103).

Outras pesquisas, corroborando com o exposto, como de Polak, Cruz e Guimarães (2016) e Vergueiro (2016) também denotam a exclusão educacional como fator bastante importante para o genocídio cotidiano da população trans.

A escola seria o espaço de socialização, convivência e inclusão, entretanto as práticas escolares senão ao bastante excludentes. Assim, compreendemos as desistências do processo e a não aproximação da Universidade, que já possui um histórico de excluir as pessoas trans do processo educacional, endereçando que “Universidade não é para as pessoas trans”.

Esse quadro de pessoas dissidentes compostas no cursinho, pessoas trans, pessoas negras, LGB, baixa renda e aliadas mostram a importância do cursinho para a progressão de escolaridade e posterior melhores condições para inserção no mercado de trabalho formal.

No cursinho não houve pessoas intersexuais, no entanto em uma das aulas, da qual a coordenadora ministrou, sobre gênero e sexualidades, um dos estudantes se autodeclarou pansexual, isso foi muito importante, pois ao mesmo tempo em que lutamos para corpos dissidentes ocuparem as universidades, o processo de ensino-aprendizagem abriu espaço para um autorreconhecimento em um lugar educacional sem medo, pois as falas que circularam nos debates nessa aula em especial, muitas queriam falar sobre sua identidade de gênero e sexualidade, mas também de outras pessoas que conheciam ou faziam parte da sua vida, seja na família, na escola, vizinhos e de outros espaços.

Ser a primeira mulher e pessoa trans a ingressar na UFSB, e coordenar um

cursinho Pré-Enem, de fato, diante das falas de muitos nas quais livremente diziam “só a sua presença aqui Isabella já quebra vários tabus, rompe várias fronteiras”, traz consciência que isso aponta a enorme dívida social e histórica que o Brasil tem com as pessoas trans.

4. OS ENTRAVES DO ENEM NESTE PROCESSO

O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), atualmente é o método de seleção para ingresso na maioria das universidades do Brasil. O ENEM, dentro do cursinho foi caracterizado pelas pessoas estudantes como um processo exaustivo de seleção. Muitos reclamavam nos extensos textos e de conhecimentos que são cobrados nas provas, dos quais é impossível ter total domínio. Nos relatos, o maior pavor era a redação, muitas pessoas do cursinho acabaram inclinando uma atenção muito maior para a preparação no cursinho e fazer uma excelente redação. Isso nos faz refletir como esses processos seletivos para progressão do ensino, esquadrinham as mentes e os sentimentos de tantas pessoas que lutam por uma formação continuada.

Durante o período de inscrições, antes mesmo do cursinho acontecer (no período de divulgação do cursinho), algumas pessoas pediram orientação, em especial uma das estudantes trans.

Podemos considerar transfobia institucional a exigência do INEP no ENEM de 2018 para as pessoas trans, que estabeleceu que para a pessoa poder usar o nome social nas provas, deveria responder um questionário e dentro desse questionário mandar em arquivo digitalizado uma foto legível da pessoa. Silva (2018) faz importantes considerações sobre esta questão:

quando uma pessoa entende que os diversos conflitos com “seu corpo” faz parte dos atravessamentos biológicos impostos por uma sociedade cissexista, pode despertar uma grande luta, a travessia, onde cada pessoa frente às suas necessidades existenciais poderá legitimar o que ela de fato é, segundo as suas próprias concepções sobre o seu próprio corpo e não pela imposição de leis e regras sociais, assim também biológicas. Esta libertação dos corpos trans, só é possível através da própria certeza da pessoa, e não da “certeza” das coisas externas impostas sobre seu corpo. Daí poder contestar qualquer controle

sobre os corpos é conseguir entender as subversões das identidades. Nesse sentido, pessoas trans ainda não são vistas como seres humanos, legítimos nas concepções de suas totalidades, mas interpretados como seres abomináveis, porque não são inteligíveis para os padrões hegemônicos de gênero, fundamentados pelo binarismo, pelo sexismo e cissexismo (SILVA, 2018, 171).

As demais pessoas estudantes relataram que tiveram problemas para o pedido de isenção da taxa de inscrição, devido à burocracia, muitos relataram que tiveram dificuldades com o sistema, que não funcionava corretamente, já outras pessoas relataram que mesmo com os dados atendendo as exigências para conseguir a isenção da taxa de inscrição, o pedido simplesmente foi indeferido. Em suma, a maioria das pessoas estudantes do cursinho tiveram que pagar a taxa exigida para o ENEM 2018.

Quanto a uma das estudantes trans, mesmo ajudada, o sistema de recolhimento de dados do ENEM, simplesmente não deferiu o nome social da estudante em sua inscrição, deixando-a frustrada. Eu fui orientada na forma da Lei, que independente disso ela tinha direito de ser chamada por todas as pessoas que iriam fazer parte da aplicação das provas do ENEM 2018 de ser chamada pelo nome social e o gênero que ela se identifica. Segundo relato dessa estudante trans, ela seguiu as orientações nos dias das provas e relatou que não teve problema com relação as pessoas que trabalharam nas aplicações de provas do ENEM 2018 em chamá-la como ela realmente se identifica e obviamente ela nem deveria ter passado por toda exigência absurda do ENEM no ato de sua inscrição para utilização do seu nome social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o processo vivenciado, podemos dizer que uma primeira experiência desta natureza, vivida no interior do Brasil, cumpriu o objetivo de resistir a um processo colonizatório dos corpos, das identidades de gênero e das formas como se estabelecem os modelos educacionais de forma ímpar. As demais experiências de cursinhos voltados para pessoas trans como foco principal aconteceram em capitais ou regiões metropolitanas (Rio de Janeiro, Niterói, Salvador, Goiânia), aqui tivemos a oportunidade de vivenciar uma experiência num espaço marcado também pela distância

dos grandes centros urbanos.

Percebemos que a participação das pessoas trans no cursinho se deu de forma diminuta, tendo em vista as exclusões que marcam esta população no contexto geral e, em especial, no contexto educacional.

Todavia, todos os esforços foram feitos no sentido de marcar o protagonismo da inclusão invertida, ou seja o cursinho foi voltado para as pessoas trans E para as pessoas cis, o que denota um sentido outro na proposta dialógica-institucional, construída sempre a partir da cisheteronorma que inclui o que não é a norma (LOURO, 2008; RODOVALHO, 2017; SILVA, 2018).

Apesar disso, o empenho das atrizes e dos atores deste processo foi essencial para a promoção de uma educação dialógica (FREIRE, 2015; hooks, 2017), desenvolvendo conexões entre educadoras e educadores, em sua maioria pessoas cisgêneras. Estas pessoas, por motivos de proximidades com as lutas sociais e com a coordenadora dispuseram-se a engajaram-se neste trabalho, que se efetivou, mais porque as lutas encarnam-se nas pessoas educadoras que por conta de uma segurança institucional, tendo em vista a precariedade explicitada neste processo.

A perspectiva de criação e manutenção do cursinho não foi suficiente para fazer uma mudança institucional efetiva na Universidade, já que, com os regramentos orçamentários diminuídos, o cursinho foi descontinuado, provocando, mais uma vez, a exclusão de uma iniciativa como esta. Nos perguntamos se efetivamente esta política assumida como institucional foi uma forma de responder às lutas incessantes de coletivos, se baseou-se na busca de uma inclusão real ou se pauta-se na comunicação institucional “inclusiva”, como forma de transmitir uma mensagem quase publicitária de que existem ações institucionais em prol da diferença ou, para usar um termo mais mercadológico, “diversidade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola : assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012. 278 f.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê: Assassinatos e violência contra Travestis e Transexuais no Brasil em 2018**. Brasil: Antra/IBTE, 2019. Disponível em <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie- dos- assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf>> Acesso em: 20 fev 2019.

CAMPOS, Gustavo de Aguiar; PEREIRA, Mariana Cunha. **Cursinho Prepara Trans: possibilidade de articulação entre gênero e educação popular**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 17, n.3, p. 183-194, set./dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 51 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. **Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais**. Revista Cronos, v. 11, n. 2, Natal, 2010, p. 1-9.

LADEIA, Priscilla Soares dos Santos; MOURÃO, Tatiana Tscherbakowski; MELO, Elza Machado de. **O Silêncio da Violência Institucional no Brasil**. Rev Med Minas Gerais, n. 26. Belo Horizonte, 2016, p. 398-401.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2, São Paulo, maio/ago. 2008.

MATTOS, Amara Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. **Para Pensar a Cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo**. *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out. 2016.

POLAK, Roberta; Guimarães, Rafael Siqueira de; Cruz, Gilmar de Carvalho. **Processos de violência vivenciados por pessoas trans* nas instituições de ensino.** *Hipótese*, v. 2, n. 3, Itapetininga, 2016, p.127- 158.

RIOS, Roger Raupp; SILVA, Rodrigo da. **Discriminação Múltipla e discriminação interseccional: aportes do feminismo negro e do direito a antidiscriminação.** *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 16. Brasília, janeiro - abril de 2015, p. 11-37.

RODOVALHO, Amara Moira. **O Cis pelo Trans.** *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1. Florianópolis, 2017, p. 1-5.

SILVA, Isabella dos Santos. **Imposição do sexo (genitália) sobre as pessoas trans.** In: Guimarães, Vergueiro, Marcos e Fortunato (Orgs.) *Gênero e cultura: perspectivas formativas*, v. 2. Itapetininga: Hipótese, 2018, p. 164-174.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.**

_____ **Dissertação de Mestrado (Cultura e Sociedade), UFBA.** Salvador, 2015, 225 fls.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas.** *Perspectiva*, v. 26, n. 1, Florianópolis, jan./jun. 2008, p. 149-174.

APÊNDICES



SUMÁRIO

APENDICE A – INTRODUÇÃO.....	33
APENDICE B - FORMATO POLÍTICO, PEDAGÓGICO E SOCIAL DO CURSINHO.....	38
APENDICE C - FORMATO DE FUNCIONAMENTO DE DIAS E AULAS DO CURSINHO.....	42
APENDICE D - PESSOAS DOCENTES COLABORADORAS NO CURSINHO..	43
APENDICE E - O PÚBLICO DE PESSOAS ESTUDANTES NO CURSINHO....	44
APENDICE F - O INÍCIO DAS AULAS NO CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+.....	44
APENDICE G - AS AULAS DURANTE O CURSINHO EM 2018.....	47
ATIVIDADES NO MÊS DE JUNHO.....	47
ATIVIDADES NO MÊS DE JULHO.....	48
ATIVIDADES NO MÊS DE AGOSTO.....	53
ATIVIDADES NO MÊS DE SETEMBRO.....	55
ATIVIDADES NO MÊS DE OUTUBRO.....	56
ATIVIDADES NO MÊS DE NOVEMBRO.....	57
APÊNDICE H - OBJETIVOS ESPERADOS E RESULTADOS ALCANÇADOS..	56

APÊNDICE A - INTRODUÇÃO

O ensino comprometido com criticidade, frente às inúmeras problemáticas de exclusões sociais é algo necessário, pois o Brasil é composto de um histórico de cultura patriarcal, machista, cissexista, cisheteronormativa, racista e classista, que desloca corpos dissidentes de várias formas. Nesse contexto, as relações interpessoais ainda são violentas, pois deslocam pessoas que contrariam o conservadorismo e a elitização imposta nas relações sociais para espaços de marginalização tanto nas relações comuns do cotidiano quanto nas relações em espaços formais, tais como espaços educacionais, mercado de trabalho formal e espaços sociais formais e informais. A colonização de corpos no Brasil é marcada por grandes genocídios das minorias sociais, trata-se de um processo de ensino-aprendizagem que insiste em beneficiar com inúmeros privilégios de uma pequena elite brasileira, e que leva, também a hierarquizações decorrentes das regras cisheteronormativas.

Deste modo, a luta por mobilidade social, progressão educacional e dignidade pela diversidade das existências na diversidade de gênero, sexualidades e luta contra o racismo foi a motivação para a criação de um cursinho. O cursinho com propósito de práticas inclusivas garantiu uma educação preparatória de qualidade para o ensino superior, frente as necessidades acima citadas e com a soma das minhas vivências e das relações interpessoais em espaços formais e não formais, tanto no âmbito educacional quanto em outros espaços. Foi na presença e na vivência com inúmeros mecanismos e práticas violentas de exclusões que incidem sobre meu corpo e sobre outros corpos dissidentes, que o cursinho não limitou-se a um ambiente de práticas educacionais transformadoras, mas um lugar de pertencimento e de grande fortalecimento político e social. Nesse sentido, o cursinho institucionalizado (Cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB) priorizou a garantia desse espaço educacional para as pessoas LGBTI e demais minorias sociais.

Nas lutas por mobilidade social, as tensões são pertinentes, pois é a partir delas que as camadas do status quo que também se impõem para as questões de gênero, podem se desmontadas. São nas práticas do cotidiano que muitas concepções e relações interpessoais e intrapessoais são reelaboradas, essas reelaborações resultam em novas formas de se relacionar com as outras pessoas e consigo mesma. Nesse sentido, as aulas no cursinho Pré-Enem Enem Trans+, que aconteceram no Colégio Universitário (CUNI) de Itabuna-Ba, apresentaram-se em expressões de saberes em diálogos constantes entre as pessoas estudantes, pessoas docentes colaboradoras (doadoras de aulas), a coordenação técnica do cursinho (a qual eu assumi), também as colaborações de aulas, orientações, sugestões e

práticas humanizadoras/transformadoras de meu orientador professor Rafael Siqueira de Guimarães, e a gestão da PROSIS no Campus Jorge Amado (CJA) da UFSB.

Diante das vivências, muitos entraves institucionais dificultaram o bom funcionamento do cursinho, sendo necessárias intervenções levando reclamações das pessoas estudantes e também minhas e de algumas pessoas docentes colaboradoras acerca da quantidade insuficiente de dias de aulas, pois, no início a UFSB havia cedido uma sala para serem ministradas aulas apenas dois dias por semana. Depois de reivindicações que fiz, conseguimos aumentar para três dias por semana. Além disso, no próprio CUNI, sofri violências por parte de pessoas funcionárias da UFSB e com comprovação material que apresentei à própria instituição, nunca houve qualquer reparação para as diversas violências que sofri dentro da UFSB, uma instituição de tem um projeto “inclusivo” mas que tem práticas unilaterais e corroboram com a potencialização e naturalização das violências.

Como mestranda nesse processo, aqui é o espaço pertinente para denúncias, pois colegas de mestrado assinaram uma moção dizendo que “me toleravam” no curso de mestrado e isso foi acolhido pela gestão da UFSB, tendo eu feito a denúncia para a própria instituição, pedido reparação e nada foi feito até hoje. A convivência da UFSB com práticas unilaterais na gestão apresenta um mecanismo de separatismo e convivência com a perpetuação das diversas violências, e as várias práticas transfóbicas das quais fui submetida dentro da Universidade. Pessoas da UFSB me chamavam de “barraqueira” e até uma colega do mestrado dizendo que “ela faz barraco para aparecer” e deixando nas entrelinhas que sou “amargurada”.

Ouvi de gestor da UFSB que sou “violenta”. Dentro da universidade uma docente do PPGER já se referiu a mim no gênero masculino diversas vezes, me violentando, colegas do mestrado por não entenderem as questões de gênero e a força secular de opressão do machismo me expuseram como hierarquizadora e racista dentro da própria instituição, e em sala de aula no mestrado uma estudante disse que “ali não era o meu lugar”, além de tantas outras violências que sofri dentro da universidade, tudo isso em meio as lutas pelo funcionamento e andamento do Cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB. Confesso, diversas vezes pensei em desistir do Mestrado.

O cursinho Pré-Enem Trans+ na UFSB, foi um processo de aprendizagens e desafios, no qual o poder político dos corpos reivindicaram seus espaços, partindo de uma luta política, social e educacional coletiva e ao mesmo tempo com suas especificidades, onde eu na condição de coordenadora técnica do mesmo, frente a minha própria trajetória,

posso entender que quebrar e demolir as estruturas do “status quo”, seja para questões sociais, raciais e de gênero, só é possível através de uma luta com práticas que garantam o direito a dignidade para todas as pessoas oprimidas e isoladas por causa do poder do privilégio.

Nesse sentido, ações como essa podem potencializar forças e mecanismos de mobilidade social e relações sociais (interpessoal e intrapessoal) com melhores e maiores afetos e condições de vida com dignidade na diversidade das existências. É com a diversidade pulsante, que pode existir cada vez mais contrastes de cores, saberes, diálogos, encontros, afetos...

Nesse cursinho, procurei dar destaque para as pessoas trans, pois a história de transexuais e travestis é marcada por forte exclusão e violências no espaço intrafamiliar, social, educacional, no mercado de trabalho e em outros tantos lugares de encontros coletivos que através da força do machismo, exclui e naturaliza a importância das vidas das pessoas trans. A “naturalização” de um modelo de família nucleada, organizada pela ordem patriarcal, formada por um homem e uma mulher (cisgêneros), edificou uma sociedade embebida de impedimentos ao reconhecimento de outros tipos de famílias e também daquelas que não se identificam com essa nomenclatura, o que está também para a diversidade de identidade de gênero, sexualidades e relações étnico-raciais.

Considerando tais questões, a proposta de plano de trabalho no Programa Pré-Enem para pessoas trans, gays, lésbicas, bissexuais, queer, intersexuais e demais pessoas aliadas/os na UFSB, trata-se de um trabalho que não compreende o sentido de fazer “sozinha”, desafios de aprimorar os estudos e atuações que viabilizem a democratização e dignidade social voltadas para os corpos dissidentes desafia a todas as pessoas, em percursos e formas de ser que pode acolher e acomodar múltiplas partes de todas que estão no processo de fazeres e reconstruções.

Foi através de uma proposta de ação educacional que viabilize essa luta de acesso ao ensino superior, que o sentido do movimento dessa proposta na prática, é evidenciar a grande maioria que são tratadas como “minorias políticas”, concepção que persiste há séculos no Brasil.

Nesse sentido, a prioridade foi a busca do desenvolvimento de um cursinho numa perspectiva de diálogos com as pessoas LGBTI, pessoas aliadas, universidade e comunidade, no intuito de provocar significativas minimizações de diversos tipos de violências e exclusões sociais no cotidiano e para situações futuras nas vidas dessas pessoas.

O empoderamento e politização com criticidade ampliada dessas pessoas potencializa possibilidades de um número expressivo de pessoas ingressas em cursos superiores de graduação com visões e práticas transformadoras no cotidiano.

O cursinho tentou ao máximo levar em consideração as vivências das pessoas trans estudantes com as demais “minorias” sociais/políticas e pessoas aliadas, ao mesmo tempo, estar em consonância com as diretrizes curriculares e legislação educacional vigente, um trabalho que não é fácil, pois, a educação brasileira ainda é predominantemente conservadora em suas práticas educacionais. Desse modo, a proposta político-pedagógica ao mesmo tempo que ultrapassava a organização por áreas de conhecimento própria da organização escolar, oferecesse ao lado dos componentes curriculares diretamente relacionados ao ENEM, outros componentes voltados para discussões, políticas étnico-raciais, de gênero, sexualidades e Direitos Humanos, bem como a formação das pessoas estudantes do cursinho para as artes (com atividades de democratização de acesso), dentre outras.

O cursinho é um mecanismo de abertura de caminhos para transformações de vidas, de preparação para os processos seletivos e posterior acesso ao ensino superior, através do currículo e conhecimentos estabelecidos pelo atual sistema educacional, bem como através de convivências que fomentam consciências e práticas no combate aos diversos tipos de perseguições e preconceitos, próprios de uma sociedade patriarcal, machista, racista e classista. Afinal, se a informação é impedida de ser acessada, ainda mais vulnerável fica a pessoa que é discriminada, violentada e excluída, então, essa ação educacional procurou os melhores direcionamentos coletivos para transformações saudáveis, diante das percepções pessoais de cada pessoa.

Nesse contexto, as ações afirmativas estão num contexto de práticas que buscam reparar as dívidas históricas de responsabilidade do estado com as pessoas LGBTI, negras, indígenas, ciganas, sem terra, sem teto, de baixa renda dentre tantas outras, que foram e são oprimidas pelo status quo mantido pelo estado na atualidade.

Nesse sentido, as ações afirmativas expressam a possibilidade de acesso em espaços formais, acesso esse que foi e ainda é impedido por mecanismos de exclusões que perpetua gerações, quais não tiveram as condições mínimas de uma vida com dignidade.

Desse modo, o ingresso ao ensino superior é de responsabilidade do estado e deveria ser garantido para todas as pessoas, o que está longe de ser a realidade para todas as pessoas brasileiras.

Mesmo aquelas pessoas que conseguem ingressar no ensino superior passam por outras camadas de exclusões, dentre elas, a de não existir reais condições de permanência para a conclusão nas graduações com dignidade. Muitas além de enfrentar esse impeditivo, convivem com uma educação em que instituições são coniventes com o racismo, a LGBTifobia, dentre outras nefastas formas de violências.

O resultado desses mecanismos de manutenção da convivência com as violências supracitadas e falta de condições de permanência no ensino superior, é a evasão nos cursos. Cabe lembrar que esse cenário não é exclusividade das instituições de nível superior, mas principalmente no ensino básico.

Tanto que no cursinho, tivemos apenas duas pessoas trans, duas mulheres, sendo que houve divulgação do mesmo em larga escala em Itabuna-Bahia e para pessoas das cidades vizinhas. Escutei muitos relatos de pessoas trans, principalmente mulheres, que não tinham concluído o ensino fundamental ou médio, em outros casos que muitas já estavam no mercado de trabalho informal a muito tempo e que graduação não iria acrescentar nada na vida delas. Isso é realmente impactante, pois, ao observar que vivemos em um país que é o que mais mata pessoas trans no mundo, cerca de 40%, que a expectativa de vida para mulheres trans é de 36 anos de idade, entendemos que sim o Brasil é assassino e que naturalizou tamanha crueldade, a ponto da evasão escolar ser algo cruel e a exclusão do mercado formal é ainda mais desumana.

Nesse contraste de dívidas históricas, cabe lembrar que o Brasil é o segundo país do mundo que mais mata pessoas negras do mundo, perdendo apenas para a Nigéria. Desse modo, a responsabilidade de cotas em concursos públicos como medida de reparação de danos históricos, não pode estar restrita somente para pessoas negras e com deficiência física, mas que a população trans tem o direito de receber as mesmas reparações através das cotas em concursos públicos, afinal impossível não entender a potência de exclusão sobre os corpos de pessoas trans frente aos dados supracitados.

Diante de toda exposição, como não afirmar que o machismo foi institucionalizado ao longo do tempo? Esse machismo é o que promove a anulação de vários corpos dissidentes, a exemplo, das pessoas trans, pessoas que existem há séculos, no entanto, como nunca foi de interesse do capitalismo, ou do poder de dominação catalogar o poder, que é materializado através das violências, sobre esses corpos, então tratam a transfobia como algo “inédito”, afinal é inédito por causa da globalização.

Cabe reforçar que os corpos de pessoas trans assassinadas, violentadas e excluídas por centenas de anos, não entraram de forma maciça nos livros de história, porque não foi uma moeda de troca que motivasse orgulho, por causa do machismo obviamente.

Nesse sentido, a naturalização e as formas de tratarem tais violências sobre esses corpos é tão potente, motivada pela cegueira que o machismo provoca, que muitas pessoas buscam inúmeras formas de hierarquizar o racismo, a transfobia e demais formas de preconceitos e exclusões sociais, sem entender de fato o que são as diferentes potências de exclusões sobre esses corpos. Para tal compreensão sobre essas forças diferentes de exclusões, é necessário leituras a contrapêlo, buscando compreender as escritas que evidenciam diferentes potências de exclusões sobre os diferentes tipos de minorias sociais e políticas.

Este não é o primeiro cursinho nestes moldes no Brasil, há que se registrar as experiências do PreparaNEM (Rio de Janeiro, coordenado pela militante Indianare Siqueira) como um importante começo que levou outros grupos a pensarem esta estratégia de inclusão, tá,bém já comum entre os movimentos sociais negros, como a UNegro. A diferença desta iniciativa foi que ocorreu com apoio institucional da Universidade – que gerou conflitos na cultura da mesma, e as contradições ficaram expostas – e também como pesquisa-ação de Mestrado Profissional. Assim, apresento as estratégias de ação-luta deste trabalho.

APÊNDICE B - FORMATO POLÍTICO, PEDAGÓGICO E SOCIAL DO CURSINHO

O referido cursinho teve Como critérios:

- Ingresso e permanência gratuita de pessoas trans, gays, lésbicas, bissexuais, pessoas intersexo, pangêneros, queer e pessoas aliadas.
- Colaboração de educadoras/es voluntárias/os, sensíveis à proposta frente ao contexto social dessas pessoas. A importância do coletivo de educadoras/es abertas às discussões sobre as exclusões específicas que impedem o ingresso do público supracitado em instituições de nível superior.
- A proposta político-pedagógica foi fundamentada nas leis educacionais vigentes e, em especial, no Decreto N° 8.727/2016, RESOLUÇÃO CEE N° 120/2013, Lei 10.639/2013 e Lei 11. 645/2008.

As práticas educacionais de caráter politizadoras e inclusivas são promotoras para uma educação que promova ações que dialoguem com as pessoas de forma humanizada e humanizadora. Nesses termos, falar de lutas e conquistas voltadas para questões de gênero, em especial para pessoas trans, é poder entender que as conquistas pautadas na Resolução CEE (Conselho Estadual de Educação) nº 120/2013 que dispõe “sobre a inclusão do nome social dos/das estudantes travestis, transexuais e outros no tratamento, nos registros escolares e acadêmicos nas instituições de ensino que integram o Sistema de Ensino do Estado da Bahia e dá outras providências” possibilitam um convívio interpessoal no mínimo digno e com o devido respeito, que ainda em diversos espaços educacionais na Bahia é algo negligenciado.

Partindo desse princípio de dignidade, estende-se tais garantias de direitos pelo Decreto Federal nº 8.727 de 28 de abril de 2016, que possibilita e fortalece a luta e o respeito à diversidade de gênero e sexualidades, através do reconhecimento legítimo da identidade de gênero das pessoas trans, bem como a garantia do uso do seu nome social em âmbito nacional.

O cursinho Pré-Enem Trans+ teve como prioridade práticas educacionais que evidenciassem cada vez mais esses direitos garantidos, somado a um processo de novos direitos conquistados frente a mesma perspectiva, assim potencializando a decolonização dos corpos e das mentes, através de processos ensino-aprendizagem humanizadores. Nesse sentido, é indispensável a compreensão dos diferentes contextos socioeconômicos de todas as pessoas no cursinho, bem como suas vivências em suas trajetórias de vidas. Somado a isso, as disciplinas em seus eixos curriculares buscaram dialogar em seus conteúdos específicos, através da interdisciplinaridade e criticidades dialogadas, ações transformadoras.

O formato do cursinho não esteve somente voltado para melhores relações interpessoais e empoderamentos das pessoas trans e demais estudantes, mas tais práticas diferenciadas, puderam ir além, transmitindo uma construção conjunta de conhecimentos através da Lei 10.639/2013 e Lei 11.

645/2008 que atravessem de forma significativa as relações intrapessoais e interpessoais das pessoas envolvidas em todo o processo de práticas educacionais no cursinho.

Métodos de ensino-aprendizagens com caráter acolhedor, podem alcançar não somente melhores tipos de performances educacionais, mas podem promover um processo de ações políticas que estabeleçam maiores e volumosas ocupações de espaços, que por séculos foram impedidas para as pessoas trans e outras minorias políticas no Brasil e no mundo.

Desse modo, as práticas educacionais do cursinho Pré-Enem Trans+ tiveram o compromisso de visibilidade e ascensão das pessoas estudantes que o compuseram nos espaços educacionais de ensino superior e principalmente a legitimação de ocupações em espaços formais no âmbito profissional.

Desse modo foram atendidos os seguintes eixos norteadores e componentes curriculares:

- Identidade de gênero e sexualidades.
- Políticas Públicas e Direitos Humanos.
- Diversidade cultural.
- Atualidades.
- Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia).
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Química, Física e Biologia).
- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Redação e Matemática. (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Inglês e Espanhol).
- Artes e formação humana.

As aulas foram ministradas no CUNI da UFSB em Itabuna-Ba, onde inicialmente nsó tive a possibilidade de ter a disponibilidade de dois dias de aulas semanais para o funcionamento do cursinho, pois, segundo a universidade, a UFSB não dispunha de mais salas disponíveis no CUNI para que as aulas todos os dias da semana.

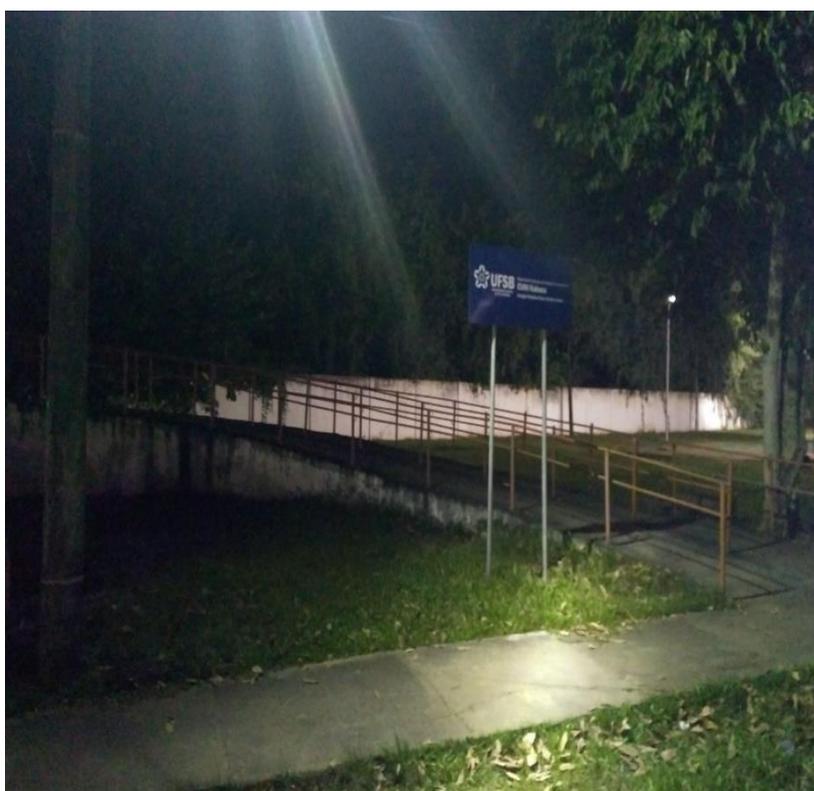
Então, verificando a lista de salas ocupadas pela graduação eu consegui mais um dia da semana, pois tinha um dia da semana com uma sala disponível, assim o cursinho seguiu com três dias de aulas por semana, o que não só na minha opinião, mas também na das pessoas estudantes foi muito pouco.

Figura 1: Complexo Integrado de Educação de Itabuna, local onde está alocado o CUNI da UFSB em Itabuna, na Avenida Kenedy, no bairro São Caetano.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 2: Acesso, entrada para as salas disponíveis para o cursinho no CUNI Itabuna, Ba.



Fonte: Autora, 2018.

APÊNDICE C - FORMATO DE FUNCIONAMENTO DE DIAS E AULAS DO CURSINHO:

CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+ UFSB

TABELA DAS AULAS INICIAIS / LOCAL: CUNI UFSB BAIRRO SÃO CAETANO ITABUNA-BA / HORÁRIO: 19:00 AS 21:00 HORAS.

MÊS DE JULHO

Segunda	Quinta	Sexta
Data/docente/disciplina	Data/docente/disciplina	Data/docente/disciplina
02 FERIADO	05 / ÉDER / BIOLOGIA	
09 / TAUÃ / HISTÓRIA	12 / MARI / MATEMÁTICA	
16 / CÉLIA / SOCIOLOGIA	19 / MARCOS / QUÍMICA	20 / ÉDER / BIOLOGIA
23 / CÉLIA / SOCIOLOGIA	26 / MARI / MATEMÁTICA	27 / ISABELLA / GÊNERO; SEXUALIDADES E POLÍTICAS PÚBLICAS
30 / DANIEL / REDAÇÃO		

MÊS DE AGOSTO

Segunda	Quinta	Sexta
Data/docente/disciplina	Data/docente/disciplina	Data/docente/disciplina
06 / TAUÃ / HISTÓRIA	02 / MARI / MATEMÁTICA	03 / BRISA / INGLÊS
13 / TAUÃ / FILOSOFIA	09 / MITHER / ARTES E HUMANID	10 / ÉDER / BIOLOGIA
20 / CÉLIA / SOCIOLOGIA	16 / MITHER / ARTES E HUMANID	17 / ISABELLA / TRIBUTAÇÃO E DIREITOS HUMANOS
27 / DANIEL / REDAÇÃO	23 / FERNANDA / REDAÇÃO	24 / MARCOS / QUÍMICA
	30 / FERNANDA / REDAÇÃO	31 / BRISA / INGLÊS

CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+ UFSB

TABELA DAS AULAS POSTERIORES / LOCAL: CUNI UFSB BAIRRO SÃO CAETANO ITABUNA-BA / CADA DIA DE AULA = HORÁRIO: 19:00 AS 21:00 HORAS.

MÊS DE SETEMBRO

Segunda	Quinta	Sexta
Dia/docente/disciplina	Dia/docente/disciplina	Dia/docente/disciplina
03 / SAMUCA / FÍSICA	06 / GEOGRAFIA (aula cancelada)	07 FERIADO
10 / FÍSICA (aula cancelada)	13 / GEOGRAFIA (aula cancelada)	14 / MARCOS / QUÍMICA
17 / LILIAN / REDAÇÃO	20 / MARI / ARTES	21 / MARI / ARTES
24 / LILIAN / REDAÇÃO	27 / ISABELLA / ATUALIDADES	28 / ISABELLA / ATUALIDADES

MÊS DE OUTUBRO

Segunda	Quinta	Sexta
Dia/docente/disciplina	Dia/docente/disciplina	Dia/docente/disciplina
01 / ISABELLA / ATUALIDADES	04 AULA CANCELADA DEVIDO A INDISPONIBILIDADE DE PROFESSOR/A	05 / MARI / MATEMÁTICA
08 / ISABELLA / ATUALIDADES	11 / EGNALDO / POLÍTICAS AFIRMATIVAS E AFRICANIDADES	12 FERIADO
15 FERIADO (INFORMADO POR LANUSA ASSISTENTE TÉCNICA DO CUNI)	18 / MARCOS / QUÍMICA	19 / RAFA / ESPANHOL
22 FERIADO (INFORMADO POR LANUSA ASSISTENTE TÉCNICA DO CUNI)	25 / EGNALDO / POLÍTICAS AFIRMATIVAS E AFRICANIDADES	26 ESCOLA FECHADA POR CAUSA DAS ELEIÇÕES DO 2º TURNO
29 ESCOLA FECHADA POR CAUSA DAS ELEIÇÕES DO 2º TURNO		

CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+ UFSB

LOCAL: CUNI UFSB BAIRRO SÃO CAETANO ITABUNA-BA / **CADA DIA DE AULA = HORÁRIO: 19:00 AS 21:00 HORAS.**

MÊS DE NOVEMBRO

DOMINGO	Segunda	Terça	Quinta	Sexta
	Dia/docente/disciplina		Dia/docente/disciplina	Dia/docente/disciplina
			01 / LÍLIAN / Redação/Gramática	02 FERIADO
04 PROVA DO ENEM	05 / ÉDER / BIOLOGIA		08 / MARI / Matemática	09 / MARI / Matemática
11 PROVA DO ENEM				

O funcionamento técnico do cursinho foi organizado frente a disponibilidade de espaço no CUNI da UFSB em Itabuna-Ba, bem como das doações de aulas pelas pessoas docentes no projeto. Dessa forma, o cursinho contou com três dias de aulas durante a semana, em que para cada dia uma disciplina era ministrada, com horário fixo das 19 às 21 horas, horário entendido em discussões coletivas como aquele que poderia atender a maior parte da demanda de pessoas estudantes e pessoas docentes doadoras de aulas. Além da questão de segurança e trabalho, por ser noturno não terminar em um horário tão tarde, assim diminuindo os riscos de assaltos ou qualquer outra ocorrência que colocasse em risco as vidas das pessoas envolvidas e também poder garantir horário de descanso adequado para as pessoas que tinham atividades a serem cumpridas no dia seguinte pela manhã.

Esses horários foram montados em diálogos constantes com as pessoas doadoras de aulas. Mesmo diante do interesse de outras pessoas docentes para doarem aulas, ainda ficamos com uma lacuna de algumas disciplinas que não puderam ser ministradas devido à falta de disponibilidade de pessoas doadoras de aulas.

APÊNDICE D - PESSOAS DOCENTES COLABORADORAS NO CURSINHO

Nesse percurso, conseguir um espaço para o funcionamento das aulas no cursinho já foi uma luta imensa. Como o projeto não tinha fundo financeiro para colaborar com

ajuda de custo relacionadas as aulas ministradas, foi através da rede de pessoas amigas docentes e outras tantas sensibilizadas com o cursinho que foi possível conseguir preencher quase completamente o quadro de pessoas docentes para o funcionamento das aulas com as doações das mesmas por essas pessoas docentes voluntárias. Enviei e-mail com convites para todas as pessoas docentes da UFSB do Campus Jorge Amado (CJA), bem como para colegas no mestrado, da primeira turma até a mais recente naquele momento. Fiz contato também com pessoas docentes aliadas que não são do PPGER e nem da UFSB, para minha surpresa metade do quadro de pessoas docentes foi composta por pessoas da minha rede de pessoas amigas, o que foi uma grande alegria, pois tive dificuldade em conseguir colaboração da maioria das pessoas docentes da UFSB e também do PPGER, nesse sentido a outra metade de pessoas docentes colaboradoras foi composta por algumas pessoas docentes da UFSB e somente quatro colegas do PPGER.

APÊNDICE E - O PÚBLICO DE PESSOAS ESTUDANTES NO CURSINHO

Através de divulgações feitas em redes sociais pela internet, visitas em salões de beleza, parceria com a ONG Grupo Humanus LGBTI, escolas técnicas e através de pessoas amigas em espaços formais e informais em Itabuna e cidades vizinhas, tentei ao máximo que pudesse ser formada uma turma com um significativo número de pessoas no cursinho. No entanto, inicialmente o cursinho começou com sete pessoas, alcançando o máximo de dezesseis pessoas frequentando alguns dias de aulas.

O público de pessoas estudantes foi formado de apenas duas pessoas trans, sendo essas duas pessoas mulheres, e as demais pessoas autodeclaradas negras, pardas e brancas, oriundas, na maioria, de uma realidade socioeconômica de baixa renda.

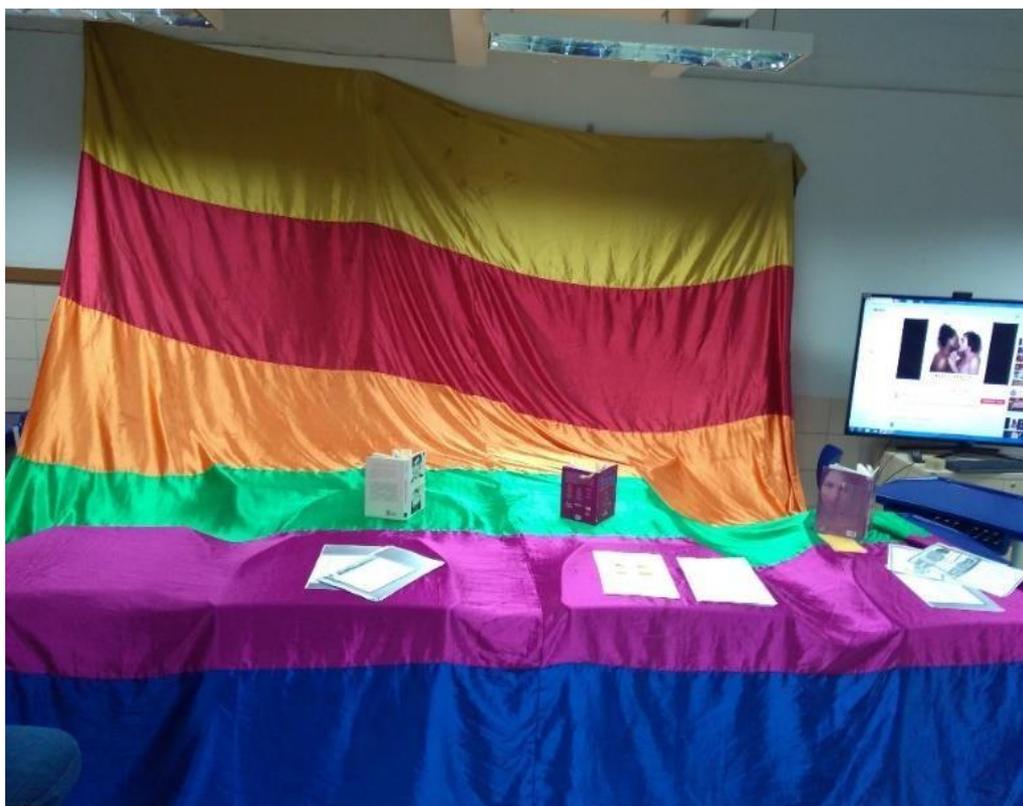
APÊNDICE F - O INÍCIO DAS AULAS NO CURSINHO PRÉ-ENEM TRANS+

A aula inaugural aconteceu com as pessoas estudantes do cursinho, juntas a uma turma da graduação em parceria e colaboração extremamente generosa do professor Rafael Siqueira de Guimarães. Nesse primeiro dia, apresentei a proposta do cursinho para as pessoas presentes e a aula transbordou de conhecimentos, reflexões e criticidade com poemas, textos, vídeos e música ao vivo.

Foi um dia de intensas emoções, além de não me conter em lágrimas, relatando a luta para a materialização do cursinho na universidade, também tive uma surpresa que mexeu profundamente comigo, uma estudante trans do cursinho que teve sua irmã que também era trans assassinada em Itabuna, pediu para mostrar um vídeo.

Abri espaço para a estudante, e o vídeo era uma encenação protagonizada pela própria estudante, falando sobre a vulnerabilidade das mulheres trans na prostituição, sujeitas a todo tipo de violência e até a pior e irreparável, a morte através de assassinatos. Percebi que as pessoas naquele momento tiveram uma surpresa, não estava programada essa intervenção, no entanto, as teias dos movimentos contra hegemônico, mais uma vez, mostrou a face do horror dessa sociedade brasileira LGBTQIfóbica.

Figura 3: Sala ornamentada com a bandeira LGBTQI da ONG Grupo Humanus Itabuna-Ba, também com livros, poemas, textos e vídeos relacionados a conscientização do respeito às pessoas LGBTQI.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 4: Apresentação feita por mim, coordenadora técnica do cursinho, sobre a proposta e o processo de aulas do cursinho.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 5: Momento de música e poesia na primeira aula do cursinho, intercaladas com diálogos, opiniões e críticas sobre as lutas e resistência ao sistema hegemônico de opressão.



Fonte: Autora, 2018.

APÊNDICE G - AS AULAS DURANTE O CURSINHO EM 2018

Atividades no mês de junho

Nessa continuação de percurso, com enormes desafios e inúmeros desconfortos causados por pessoas que tentaram atravessar as atividades desse cursinho, tenho certeza que não enfraqueceram minhas forças, ao contrário consegui enxergar quem realmente se importa com o que este cursinho proporciona nas vidas de pessoas estudantes que precisam apenas de apoio, de oportunidades para ocuparem lugares que são negados a elas, em detrimento ao privilégio para um grupo de pessoas que se enquadram na regra cisheteronormativa. Nas atividades do início de Junho do ano de 2018, continuei incansavelmente a procurar pessoas estudantes para ocuparem seus lugares na universidade, preparando-se para o Enem, com o propósito de construir uma turma de forças transformadoras, juntando forças às pessoas trans, assim, somada as outras minorias políticas, como gays, lésbicas, bissexuais, e pessoas aliadas.

Através do convívio social e lutas com potenciais de forças aglutinadas, poder ir além do convencional, preparar-se para as provas do Enem e mostrar ao universo educacional, espaços formais e não formais, como o respeito e a dignidade humana está na construção coletiva com respeito e compromisso com as trajetórias de dores e felicidades de todas e todos.

Além de continuar a fazer divulgação pelos lugares formais e informais em que passei diariamente, através de pessoas amigas e conhecidas (cabelereiros/as, pessoas do ramo da estética e profissionais do sexo), também divulguei pessoalmente em reunião com o Grupo Humanus LGBTI em Itabuna- Ba, no qual sou educadora social voluntária, os convites para as pessoas fazerem parte do cursinho como estudantes. Fui ao Colégio Amélia Amado (Itabuna-Ba) com autorização da direção do colégio, fiz divulgação do cursinho para as pessoas estudantes da escola.

Também continuei em redes sociais como Facebook e WatSaap o incentivo para agregar pessoas para fazerem parte do quadro de estudantes do cursinho.

Fui ao CEEP, Escola Técnica de Itabuna, onde também fui muito bem recepcionada pela direção e estudantes, fiz divulgações sobre a proposta do cursinho e certamente essa movimentação mexeu com os pensamentos das pessoas para algo que vai além de uma proposta de educação conservadora.

Diante do exposto comecei a receber novos pedidos de inscrição de pessoas trans para o cursinho, que nesse período contou com 13 pessoas inscritas. Cabe ressaltar que o bolsista João dos Santos contribuiu ao longo de todo esse processo de divulgação do cursinho.

Em meio a lutas diárias para fazer o cursinho ganhar corpo e acontecer, comecei a receber mensagens de profissionais amigas e amigos meus da educação, que se voluntariaram, sem nem mesmo eu ter feito o convite, para dar aulas no cursinho, pessoas amigas que sei que sempre posso contar nas lutas, pois, sabem que minha trajetória na educação é por relações e ações justas, pois, repudio qualquer politicagem. Para além desse maravilhoso presente, de pessoas já consolidadas na educação, e tão queridas, fiz contato com meu orientador de mestrado Rafael Siqueira e consegui fazer contato com pessoas estudantes do mestrado PPGER do CJA e assim, comecei também a transmitir convites para aquelas pessoas que pudessem abraçar esse projeto, doando um pouco do seu tempo e conhecimento, para ministrar aulas no cursinho.

Também fiz contato com a PROSIS e pedi a lista de docentes da UFSB-CJA para transmitir o mesmo convite, na busca de pessoas docentes voluntárias para nos ajudar no cursinho.

Dos convites feitos às pessoas docentes supracitadas, recebi apoio principalmente da área de ciências humanas, no quadro de professoras e professores voluntárias e voluntários da História, Sociologia, Filosofia, Química, Artes e Humanidades, Geopolítica/atualidades, Matemática, Inglês e Redação. Busquei preencher as áreas que faltaram, tais como Geografia e Física, no entanto, não obtive sucesso, foi uma lacuna no cursinho.

Atividades no mês de julho

Foi prazeroso poder estar presente em todas as aulas desde o início do cursinho. Todos os dias observava e buscava interagir com estudantes e professores para desenvolvermos coletivamente práticas educacionais cada vez mais eficientes e agradáveis. Ficou muito evidente para mim, o quanto a maioria das pessoas envolvidas ficavam cada vez mais satisfeitas com as aulas do cursinho. Criei um grupo de diálogos e socialização do cursinho no WatSaap, onde, estudantes e professores puderam ter acesso para comunicações e interações no cotidiano. Essa foi uma ferramenta criada, a partir da sugestão de uma estudante trans do cursinho (Thalita), rapidamente procurei materializar a ideia e por consequência toda a

comunicação ficou mais fluída e rápida para todas/os. Foi nesse contexto, que a medida em que as aulas foram acontecendo as pessoas estudantes pediram mais um dia de aula na semana, pois, até então só tínhamos aulas nas segundas e quintas feiras.

Minha incessante busca em fazer acontecer um cursinho de qualidade envolve não apenas tudo que aqui já foi exposto, mas principalmente compromisso pedagógico, que envolve quantidades de aulas intrínsecas a uma qualidade preparatória de ensino aprendizagem para as pessoas estudantes. Então, nesse circuito incansavelmente, a pedido da turma e também por uma inquietação pessoal minha que corroborou com a vontade da turma, foi possível aumentar os dias de aulas na semana de dois para três dias e também abertura para possíveis seminários e aulas em alguns sábados pela manhã no próprio CUNI CJA.

Desse modo, entrei em contato com todas as pessoas docentes doadoras de aulas e refiz todos os horários. Cabe destacar , que as aulas, mediante a necessidade e disponibilidade de tempo das pessoas docentes doadoras de aulas, estariam sempre abertas para possíveis mudanças sugeridas pelas próprias pessoas docentes.

Quando as pessoas estudantes souberam que passaríamos a ter mais um dia de aula, foi algo que só estimulou ainda mais a participação coletiva. Começamos com 7 estudantes, e nesse mesmo mês conseguimos agregar mais 6 estudantes participantes nas aulas. Ainda nesse mês de julho consegui articular um aulão de literatura e redação com a professora Lorenza Mucida.

Quando anunciei o aulão para as pessoas estudantes, todas/os ficaram irradiantes de felicidade e pediram mais aulões de outras disciplinas em outros sábados, então, me comprometi com os mesmos em poder fazer tudo que estivesse ao meu alcance para conseguir atender as demandas, mais que justas, feitas pelas/os estudantes.

As aulas foram de fato encantadoras, foi unânime entre professores e estudantes a satisfação em fazer parte desse projeto inovador no eixo sul baiano. Diante de tantos zelos, recebi também a doação/colaboração do meu orientador Rafael de alimentos, como frutas, biscoitos e suco para o cursinho. Isso, me deu a ideia de também colaborar com o pouco que cabia no meu orçamento, comprando biscoitos e levando café para todas as aulas. Mais que aulas, essas tornaram-se momentos de forte socialização. Recebi doação de potes (para guardar biscoitos) da professora Brisa, da disciplina Inglês e do professor Mither, da disciplina Artes.

Também disponibilizei todos os dias uma cafeteira para aquelas pessoas que chegassem cansadas do trabalho e de outros afazeres pudessem tomar café no cursinho, além de disponibilizar água potável e lanches para manter esse momento de socialização nas aulas. Comprei também colheres, vasilhas, filtro para cafeteira etc. Outras professoras também colaboraram voluntariamente, nesse contexto, a professora Mari de matemática, em uma de suas aulas levou doce de goiabada e a professora Célia de Sociologia levou requeijão cremoso, uma discente da licenciatura em linguagens, Deila, sensibilizada com o projeto doou café, biscoitos, açúcar, ou seja, o cursinho tornou-se um local de encontro de saberes e sabores.

Figura 06: Mesa do café da noite.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 07: Algumas pessoas estudantes do cursinho, em aula.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 08: Aula expositiva dialogada.



Fonte: Autora, 2018.

É surpreendente e incrivelmente prazeroso poder vivenciar experiências educacionais de forte inclusão como essa, abrindo espaços de aprendizados e socializações em que todas as pessoas presentes estão voluntariamente envolvidas em um processo de ensino-aprendizagem inovador e transformador. Nesse mês dei uma aula sobre gênero e sexualidades, nessa aula foi incrível a interação das pessoas estudantes, muitas perguntas surgiram.

Figura 09: Aula da professora Isabella, sobre questões de gênero e sexualidades.



Fonte: Autora, 2018.

Figura 10: Aula da professora Isabella, sobre questões de gênero e sexualidades.



Fonte: Autora, 2018.

Nessa aula, dentre as várias perguntas e diálogos, uma das pessoas estudantes se apresentou para a turma, espontaneamente, como pansexual, além daquelas que expressaram, sem timidez, suas sexualidades e identidades de gênero. Essa foi uma aula realmente pulsante, e nesse momento, várias questões foram socializadas, criando um ambiente de convivências ainda mais confortáveis.

Atividades no mês de agosto

O aulão de Literatura e Redação ministrado pela professora Lorenza Mucida, rica de conhecimentos específicos e muita arte em performance da professora. De fato, foi uma das aulas com grande densidade de múltiplas abordagens das duas disciplinas em um só momento. O relato das pessoas estudantes que participaram foi de muita satisfação e desejo de querer mais.

A professora, além de doar a aula, também doou simulados para as pessoas estudantes do cursinho Pré-Enem TRANS+ na UFSB. Uma parceria que pedagogicamente rendeu muito para o cursinho!

Figura 11: Aulão de Literatura e Redação com a professora Lorenza Mucida.



Fonte: Autora, 2018.

Esse aulaõ, marcou o mês de agosto com muita poesia, performance, música, literatura e dicas para elaborações de boas redações. Durante esse mês também fiz contatos com as/os professores/as que pudessem doar aulas para o cursinho, então diante de muita busca e solidariedade, consegui fechar a grade de aulas para os meses de Setembro e Outubro. Diante de grandes desafios e muitas conquistas, porém de bastante dificuldades tanto de disponibilidade do espaço previamente reservado para a aula no CUNI Itabuna, quanto na disposição de algumas pessoas funcionárias do Complexo Integrado de Educação de Itabuna, onde esteve localizado o cursinho.

Esse contexto de lutas diárias, só fortaleceu o cursinho e continuei empenhada para construir coletivamente uma educação transformadora e libertadora cada vez mais participativa, que esteja ao alcance de todas e todos.

Atividades no mês de setembro

Durante o mês de setembro, foram muitos os desafios a nível de gestão, diante da dificuldade do funcionamento do cursinho no CUNI, pois, este localizado nas dependências do Colégio Estadual Amélia Amado, que alguns dias do mês de setembro o

colégio não possibilitou a abertura do Complexo integrado por alguns dias. Penso que a gestão do colégio tem autonomia, mas cabe lembrar que o projeto do CUNI junto ao Colégio Estadual Amélia Amado, trata-se de uma parceria com a UFSB, e o CUNI sendo parte da extensão da UFSB, seria mais viável a compreensão da gestão do colégio, proporcionar as promoções de funcionamentos das aulas do cursinho sem quaisquer impedimentos, frente as questões de funcionamento interno da escola.

Esse momento foi difícil, pois tive, sem aviso prévio do colégio, que suspender algumas aulas do cursinho. Obviamente, muitas pessoas estudantes ficaram decepcionadas com a falta de sensibilidade por parte do colégio, no entanto, seguimos os dias de aulas diante da disponibilidade da abertura do portão do colégio. Isso traz a seguinte reflexão, a educação freiriana que tanto é fomentada em discursos em vários espaços formais, ainda não é possível ser inteiramente materializada, pois alguns entraves administrativos e até mesmo algumas indisposições pessoais impedem que a educação possa ser acessível de fato.

Nas semanas seguintes só foi possível estabelecer o funcionamento normal do cursinho porque a graduação já tinha voltado das férias do quadrimestre, o que me fez entender um pouco mais sobre alguns sistemas de deslocamentos que são proporcionados por questões burocráticas internas na educação. Nesse sentido, as consequências acontecem de forma que as vezes entristece, fui notando que depois desse hiato de algumas aulas, um número significativo de evasão de pessoas estudantes no cursinho aconteceu, penso que desgastes como o que descrevi anteriormente sejam os motivadores para isso, somado também a quantidade de dias de aulas, relatadas por muitos que eram poucos dias de aula durante a semana.

Muitas pessoas estudantes trabalham durante o dia, a quantidade de aulas por semana, somada aos imprevistos da não abertura do portão do colégio, são fatores que podem potencializar o deslocamento do percurso para a progressão dessas pessoas na educação.

Atividades no mês de outubro

Nesse mês de 2018, muitas foram as expectativas para as provas do Enem, qual tema da redação, principais assuntos que poderiam ser abordados e preocupações com as notas para chegar ao exigido pelas universidades. Ao mesmo, tempo vivemos fortes

momentos de tensões políticas, devido ao processo eleitoral que estava acontecendo. Por causa desse processo eleitoral, mais aulas do cursinho tiveram que ser canceladas. Todo esse processo, acumulou mais desgaste para as pessoas estudantes, a evasão nesse período foi potencializada e muito. Nesse período, a falta de duas pessoas docentes voluntárias, por motivos pessoais e profissionais, foi algo que também reforçou a lacuna no final desse percurso, mas extremamente compreensível, pois, as duas pessoas sempre foram muito dispostas e abraçaram integralmente a proposta do cursinho desde o início.

Mesmo com o número bastante reduzido de estudantes, houve uma busca incessante de incentivar ao máximo as pessoas estudantes para as provas do ENEM 2018, não só de forma presencial, mas também no grupo do cursinho pelo WhatsApp. Além disso, através dessa rede social materiais foram disponibilizados em formato digitalizado em PDF, e também apostilas doadas de um cursinho privado de Vitória da Conquista-Ba. Cabe reforçar, que nesse espaço de rede digital, muitas aulas e materiais didáticos foram disponibilizados também.

Como educadora, quero ressaltar a importância do funcionamento desse cursinho, principalmente agora que inúmeras pessoas dissidentes e de minorias políticas são ameaçadas, principalmente no tocante ao cerceamento de práticas educacionais inclusivas e transformadoras, em que se enquadra esse cursinho Pré-Enem

Atividades no mês de novembro

No mês de novembro de 2018, a frequência nas aulas finais no cursinho caiu para um número de quatro pessoas, resultado de todo o processo relatado anteriormente. Porém, tivemos as últimas aulas do cursinho com muito carinho, interatividade e produtividade, quando por exemplo, a professora da área de Língua Portuguesa fez um trabalho belíssimo de interpretação de texto, fazendo explicações sobre pontuações e conexões em um texto dissertativo para uma redação de Enem. Notei que as pessoas estudantes estavam ansiosas por causa do tema da redação, foram discussões sobre inúmeras possibilidades, com base nas aulas anteriores e em outros assuntos que não teve tempo para serem abordados.

Eu e a professora, nessa aula, procuramos encorajar ao máximo as pessoas estudantes para terem calma e fazerem uma excelente prova no domingo que já se aproximava. Também pela rede WhatsApp, eu e outras pessoas colaboradoras do

cursinho, procuramos manter informações atualizadas sobre horário e local de provas do Enem 2018. Foi uma semana de muita atenção, uma pessoa estudante me procurou, essa pessoa estava com problemas, pois não lembrava seu email e nem sua senha para entrar no site do INEP e poder saber o seu local de prova. Tentei ajudar ao máximo, mas inclusive o celular da pessoa estudante estava com problemas para receber mensagens, impedindo o cadastramento de senha.

No entanto, no dia seguinte a pessoa estudante entrou em contato comigo e disse que tinha conseguido ligar para o INEP e fazer novo cadastro de email com nova senha, desse modo conseguiu saber o local de sua prova. Esses são detalhes, que a assistência pedagógica na reta final, fazem uma diferença enorme, pois, é através do compromisso que muitos problemas inesperados, podem ser impedidos de criar maiores exclusões para as pessoas que estão em constante luta por sua progressão na educação.

Na segunda-feira, um dia após o primeiro dia de prova do Enem, já no cursinho muitos comentários surgiram, dizendo as pessoas estudantes que o “ENEM parece que fez a prova pensando no cursinho Pré-Enem Trans+”, pois, tratava-se de uma prova que abordou inúmeras questões de gênero, violências, inclusões e educação com abordagens transformadoras contemporâneas.

Isso também aconteceu no grupo do WatSaap, onde as pessoas estudantes tem acesso e manifestam suas reflexões, críticas e demais opiniões. No entanto, pelo Whatsaap continuei a manter atualizações de informações sobre a segunda etapa das provas do Enem 2018.

Após o último dia de prova do Enem 2018, pelo Whatsaap, houve muita interação entre estudantes e professores, então, combinamos um encontro formal no CUNI Itabuna para discutir os sentimentos e expectativas pós provas. Assim, na segunda-feira, após as provas do ENEM, comecei a organizar a sala para receber as pessoas estudantes e colaboradores. Esse foi um momento de muita afetividade, conversamos sobre os temas abordados no ENEM, as expectativas da pessoas estudantes, os “medos”, as questões relacionadas aos vários processos de deslocamentos para ingresso ao ensino superior, as possibilidades de ingresso ao ensino superior, dentre vários outros assuntos que permearam as afetividades desenvolvidos durante todo o processo de ensino- aprendizagem no cursinho, uma confraternização com muita espontaneidade.

Nesse mesmo momento, orientei as pessoas estudantes sobre datas relacionadas ao SISU, aos sistemas de ingressos nas graduações na UFSB e outras instituições de

ensino superior e técnico, bem como os demais assuntos relacionados a esse contexto. A finalização do cursinho foi algo que deixou clara, na prática espontânea, o quanto as pessoas sentiram e viveram aquele local não somente como um local de preparação para o ensino superior, mas um lugar de encontro e aconchego para os afetos que ali foram possíveis e desenvolvidos ao longo de todo o processo de funcionamento do cursinho.

APÊNDICE H - Objetivos esperados e resultados alcançados

Dos objetivos desejados no processo de ensino-aprendizagem, cabe destacar uma preparação educacional que pudesse atender da melhor forma cada realidade das pessoas envolvidas no projeto, também a disponibilidade do espaço educacional e as questões que permeiam todas as minorias sociais. Somado a esse contexto, o cursinho procurou dar destaque principalmente para as pessoas trans, que frente a enorme evasão escolar e forte exclusão no mercado de trabalho formal, compõe dentro da comunidade LGBTI e demais minorias sociais, um público que ainda precisa de muita visibilidade e lutas para proporcionar melhores condições de vida e relações sociais, combatendo as violências e exclusões contra essas pessoas. Segundo a ANTRA, em dados atualizados de 2018, o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais e travestis no mundo, somando o total de 47% da população mundial e com expectativa de vida de 26,4 anos de idade. Fiz questão de colocar a sigla TRANS em destaque no cursinho, para potencializar a luta pelas reparações sociais, educacionais e profissionais que para essas pessoas, que é algo urgente. O processo educacional do cursinho também procurou evidenciar outras lutas de outras minorias sociais, que também foram e são deslocadas e excluídas de vários processos no âmbito educacional, social e no trabalho formal.

No processo, a progressão educacional para as pessoas LGBTI e demais minorias sociais foi fomentada durante todo o cursinho, com o objetivo do ingresso das pessoas estudantes nos cursos de ensino superior. No entanto, diante de várias questões que permeiam as exclusões nas vidas das minorias sociais, o cursinho não teve um número expressivo de pessoas trans. Tivemos apenas duas pessoas estudantes (duas mulheres trans), o que comprova o quanto os mecanismos de exclusão ainda são extremamente potentes para essas pessoas, ainda na atualidade. Tivemos uma pessoa

estudante que se autodeclarou pansexual em uma das aulas e outras que também se autodeclararam publicamente, sem constrangimento, como gays, bissexuais e negra/o(s).

Isso foi muito positivo, pois, o cursinho acabou expressando na prática as vivências e o respeito a diversidade, fortalecendo questões políticas e sociais no cotidiano, expressando conforto nas diferentes formas de ser e existir.

No entanto, os vários imprevistos que aconteceram durante o cursinho, tais como, quantidade de aulas considerada pelas pessoas estudantes como um número pequeno e as aulas que tiveram que ser suspensas por questões administrativas, desencadeou uma forte evasão nas semanas finais do cursinho, chegando a ter apenas 4 pessoas estudantes no último dia de aula. Quanto aos ingressos das pessoas trans em instituições no nível superior, frente aos contatos por Watsaap, das 16 pessoas que frequentaram o cursinho, cerca de 6 pessoas conseguiram ingressar em instituições de nível superior, tanto pública quanto privada, com bolsa integral.

Dessa forma, o cursinho pode ser entendido como algo que teve uma expressiva luta, mas ao mesmo tempo teve que lidar com os vários deslocamentos de acesso ao ensino superior para as minorias sociais, e nesse contexto não chegou ao meu conhecimento o ingresso de nenhuma das duas pessoas estudantes trans em alguma instituição de nível superior.



